

José Kasio Barbosa da Silva¹
João Bosco Moura Filho²

TROCADOS E BATER DE BILROS: HISTÓRIAS DE VIDA DE RENDEIRAS EM CANAAN

***CHANGING AND HITTING BOBBIN: LIFE
STORIES OF LACE-MAKERS IN CANAAN***

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

O artigo propõe como objetivo principal compreender como o artesanato da renda de bilro implica nas histórias de vida de mulheres rendeiras. Além disso, como objetivos específicos buscamos identificar como as rendas de bilro formam a identidade de mulheres rendeiras, bem como analisar a prática da renda de bilro como elemento de resistência de uma tradição cultural e ainda refletir sobre as histórias de vida das rendeiras em contextos históricos distintos. A realização da pesquisa se deu em Canaan, distrito localizado no município de Trairi, no Estado do Ceará. A pesquisa tem caráter qualitativo, e para os procedimentos metodológicos foi realizada uma entrevista estruturada (GIL, 2008) que possibilitou as análises dos dados. Os resultados da pesquisa evidenciaram os processos de transformação social, cultural e econômico que atravessam a vida de mulheres rendeiras; o papel das rendeiras em Canaan demonstra uma cultura familiar, coletiva e de tradição, que representam a história local e as relações do ofício de rendeira inerentes a um grupo social que luta pela sobrevivência e resistência marcando suas identidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Rendas de bilro, rendeiras de Canaan, Identidade, Tradição.

ABSTRACT

The article proposes as main objective to understand how the craftsmanship of bobbin lace implies the life stories of lace-makers women. In addition, as specific objectives we seek to identify how bobbin lace forms the identify of lace-makers women, as well as analyze the practice of bobbin lace as an element of resistance of a cultural tradition and also reflect on the life stories of lace-makers in historical contexts distinct. The research was happened in Canaan, a district located in the town of Trairi, in the State of Ceará. The research has a qualitative character, and for the methodological procedures a structured interview was carried out (GIL, 2008) that allowed the analysis of the datum. The research findings evidenced social transformation processes, cultural and economic transformation that cross the lives of lace-makers women. The role of lace-makers in Canaan demonstrates a family culture, collective and tradition culture, that represent the local history and the relationships of the lace-makers craft inherent to a social group that struggles for survival and resistance, marking their social identities.

KEYWORDS: Bobbin lace, Canaan lace-makers, Indentity, Tradition.

INTRODUÇÃO

“Luiza e eu fazíamos renda à luz de lamparina [...] Esticávamos muito a vista para fazer as peças de renda, mas tudo com alegria [...]” Narra Maria Santos e Alves (2020, p. 32), escritora e rendeira de 85 anos, em seu tempo de vivacidade juvenil. Assim como a poetisa supracitada, tantas histórias de vida de mulheres rendeiras fazem parte de um arsenal prático – e vivo – do artesanato da renda de bilro.

No Brasil, a chegada da renda de bilros veio junto com os colonizadores. Mesmo atravessado por controvérsias quanto às suas origens, o percurso histórico da renda no Brasil se multiplicou pelas regiões do país sendo notório, sobretudo, na região Nordeste como o centro de maior referência da produção de rendas (BRUSSI, 2015).

É necessário ater-se à fundamentação do material concreto que se utiliza na produção de peças de rendas. Tais materiais são recursos, geralmente elaborados pelas próprias rendeiras, fundamentais na constituição da renda. A almofada, ou mofada, nome também usado por elas, como um material cilíndrico, dos mais variados tamanhos contempla como uma base importante na produção da renda. É preciso enfatizar, porém, que a forma e o tamanho da almofada, depende de como a rendeira deseja tê-lo e que seja adequado às suas necessidades. Além disso, as rendeiras acrescentam folha seca de bananeira para preenchimento da almofada, para ficar sólida e espessa, como garantia de não prejudicar a renda produzida.

Para apoio da almofada, elas utilizam o caixão, que é feito de tábua de madeira, ou, antigamente, produzido por uma espécie de rodilha, que também usava a mesma folha da bananeira. Para produzir a renda, é necessário haver o molde, conhecido pelas rendeiras como papelão, que é uma cartolina, geralmente grossa, pinicado a renda que irá ser produzida. O design do molde e de suas formas é o que vai trazer as mais variadas peças, tais como: saia, bolero, vestido, camiseta, toalha de mesa e tantas outras.

O pinicado, que é o desenho feito no molde, através da agulha que faz furos no papelão de forma simétrica, é um desenho original, normalmente feito por uma rendeira experiente, que usa da criatividade para a produção de novos modelos. Modelos estes que são reproduzidos pelas demais sobre determinadas peças que elas próprias escolhem fazer, seja por encomenda de terceiros ou para vender às compradoras da cidade, que revendem o produto para todo o país. Como podemos ver nas figuras abaixo, na figura 1 temos a imagem de uma almofada de uma das entrevistadas, que estava produzindo um vestido. Na figura 2 apresentamos a almofada de outra participante que já tinha finalizado uma camiseta, além de ter retirado todos os espinhos e bilros do papelão.

Os fios, conhecidos como linhas, são usados para a produção em si da renda e dos mais variados modelos. Os bilros são feitos de tucum, advindos da palmeira¹, preenchidos por um pequeno palito de madeira que, ao serem tocados no fazer renda, produzem um som que acusa a existência de rendeira em deter-

¹ A palmeira é uma espécie de planta predominantemente encontrada no Nordeste.

minado ambiente que o som ecoa. Atualmente, os bilros já são feitos puramente de madeira. Os alfinetes, também conhecidos como espinhos, são derivados de Mandacaru², conhecido como cardeiro, nome que varia de acordo com a região. Grosso modo, os espinhos são usados para reter o papelão na almofada, além de afixar-se nos pontos do papelão.



Figura 1



Figura 2

² O mandacaru é uma planta nativa do Brasil da família cactácea, carregada de espinhos usados como recurso básico no apoio da renda ao papelão.

Ademais, após todo o processo da produção da renda, que exige técnica e manuseio de excelência, detalhes estes que não nos atentaremos por não fazer parte dos objetivos desta pesquisa, é necessário emendar a renda, com o uso de uma agulha apropriada, bem como apoiada a uma linha que seja de acordo com a cor da renda produzida. Contudo, é importante a descrição do trabalho da renda de bilro para pensar sobre a vida das rendeiras constituídas por todo um processo longo e demorado, que inter cruzam suas narrativas à renda.

O trabalho e a vida diária dessas mulheres se conectam em todos os aspectos, não sendo possível uma divisão entre o trabalho e o modo de vida que elas constituem cotidianamente (ALEMIDA; MENDES; HELD, 2011). O saber-fazer renda se entrecruza com os afazeres domésticos, configurando-o como experiência que faz parte da vida doméstica das rendeiras, uma vez que reflete como atividade complementar, não sendo impasse entre as atividades de cunho doméstico.

O trabalho com a renda se apresenta como significativo para essas mulheres. Os trocados³ e o bater de bilros apresentam um aspecto inerente a esses sujeitos no dia a dia com a produção das peças. Além da constituição de uma identidade pelo trabalho, é esse trabalho como categoria dialética que se torna indispensável na construção do ser humano como ser social (KARAM; PEREIRA; MINASI, 2020). Neste sentido, o trabalho da produção de renda representa uma mudança ontológica do ser, nesse caso, das próprias rendeiras, que são representadas pelo trabalho que exercem, por conseguinte, formando toda uma identidade intrínseca à vida e ao “render”.

A aprendizagem na produção de renda inicia-se ainda muito cedo na vida de jovens mulheres. Estas, quando ainda são crianças, são ensinadas pelas mulheres adultas, geralmente, no âmbito do seio familiar. Desse modo, a aquisição e os processos de aprendizagem da produção de artesanato não é apreendido no espaço escolar, nem de forma sistemática, mas na vida cotidiana com esse universo da criação, de descobertas, experimentações e da arte (ALEGRE, 1994).

Como ofício feminino⁴, a história da renda transformou e ainda transforma a vida de mulheres rendeiras no aspecto econômico, social e cultural. Soares et al. (2015), no trabalho que traça o perfil social e econômico da atividade de renda de bilro, em Apiques, no município de Itapipoca, no Estado do Ceará, discutem uma rentabilidade econômica às mulheres rendeiras com a produção da renda, ainda que seja um valor de pouca expressividade financeira. No entanto, os autores ponderam que, somado a esse valor, há também um “ganho cultural”, em que

³ Expressão utilizada para se referir como acontece o processo da técnica utilizada para produzir as peças de rendas. Os bilros enrolados parcialmente com linha se entrelaçam em movimentos diversos entre eles e o uso dos espinhos para encaixar fixamente no papelão formando partes da peça que a rendeira irá costurar mais tarde.

⁴ A problemática da renda como ofício estritamente feminino surge das próprias relações de gênero tendo como lócus o machismo patriarcal, no qual o trabalho desenvolvido pelas rendeiras além de doméstico é mantido não como apoio principal à família, mas como complemento da renda familiar. A atividade agrícola, a pesca, opõe-se a renda, não tendo mesmo os homens a “coragem” de fazer renda por fazer parte do universo feminino, tendo sua sexualidade questionada caso tenha conhecimentos de saber-fazer renda (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000).

a renda de bilros fortalece os laços comunitários, além de ocupar o espaço das rendeiras na confecção de rendas, visto que, elas não têm opções de empregos formais na comunidade.

Em consonância com Avancini (2017), as mulheres ressignificaram os valores dados às rendas, no caráter histórico e cultural, atribuindo novos sentidos, novo design⁵, técnicas, novas perspectivas sobre a produção de renda, fazendo surgir em meio à produção artesanal novos modos de fazer e viver artístico e socialmente. As rendeiras constituem sua identidade através da produção da renda, para além do produto, de forma simbólica e social como pertencentes a uma cultura que elas mesmas produzem como tradição cultural (AVANCINI, 2017).

Se por um lado, encontramos narrativas de mulheres rendeiras que mudaram sua vida por meio da produção de rendas, por outro, encontramos uma nova configuração de possibilidades que as jovens rendeiras têm no mercado de trabalho. Em linhas gerais, as histórias de vida de mulheres rendeiras contemplam um aparato de subjetividades marcadas coletiva e individualmente por experiências que refletem a vida dessas mulheres à renda de bilro.

O interesse investigativo pela problemática desta pesquisa se dá pelo autor ter vivenciado desde cedo o trajeto da história de vida de mulheres rendeiras com suas almofadas na produção de rendas, na qual seriam vendidas mais tarde e que, com o dinheiro da venda do produto final, complementavam a renda familiar. Além disso, a compreensão da constituição da identidade das rendeiras associadas ao papel social e cultural que exercem num determinado contexto revela a importância desses sujeitos sociais na manutenção de uma tradição. Em outras palavras, o fenômeno da prática cultural da renda forma a identidade de mulheres rendeiras como um processo que se entrelaça em suas histórias de vida. No aspecto social, as discussões aqui trazidas apresentam uma visão antropológica e social, que permite pensar a renda de bilro como arte de uma cultura historicamente invisibilizada.

A investigação aconteceu em Canaan, no município de Trairi, localizado no Estado do Ceará. A cidade apresenta uma cultura eminentemente feminina de rendeiras, que atravessa gerações. Não por acaso, o município de Trairi detém, por meio de Lei Estadual, de nº 14.696/2010, o título estadual de “Terra da Renda de Bilro”. No município de Trairi, inclusive no distrito de Canaan, espaço onde foi realizada a pesquisa, muitas mulheres ainda utilizam da produção de rendas como única fonte de subsistência econômica. Essa prática cultural da produção de rendas representa a identidade de mulheres da zona rural, que legitimam seu trabalho no artesanato produzido pelas próprias mãos de artesãs e como um bem cultural que é ensinado de mãe para filha.

Atualmente, o interesse de mulheres pela produção de renda já não é tão significativo quanto antes. Esse fenômeno talvez se explica pela oferta de maiores oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho, na continuidade

⁵ Para Avancini (2017, p. 11) o design é entendido como “fator elementar de intercâmbio cultural e econômico, fundamental na humanização de tecnologias.” Neste sentido, a renda como design transforma a cultura, constitui-se numa perspectiva identitária, artística e atemporal (AVANCINI, 2017) que expressa o sentido de memórias e narrativas que estão intrínsecas a histórias composta por experiências individuais, coletivas, costumes e princípios.

da formação escolar, além do fenômeno do êxodo rural⁶ e de políticas públicas afirmativas com medidas para garantir os direitos de grupos excluídos socialmente. O que é importante, todavia, ser considerado como oportuno que em épocas recentes as mulheres estão ocupando os espaços que, historicamente, estavam restritos aos homens.

No entanto, a prática cultural de rendas de bilro ainda existe e resiste e, a partir da apresentação inicial de reflexões sobre o tema, como objetivo principal aspiramos compreender como o artesanato da renda de bilro implica nas histórias de vida de mulheres rendeiras. Além disso, como objetivos específicos buscamos identificar como as rendas de bilro formam a identidade de mulheres rendeiras, bem como analisar a prática da renda de bilro como elemento de resistência de uma tradição cultural e ainda refletir sobre as histórias de vida das rendeiras em contextos históricos distintos.

A seguir apresentaremos o aparato da literatura concernente à renda de bilros, discutindo brevemente o contexto desse instrumento artesanal no Brasil, também apresentando uma discussão sobre a conceituação de histórias de vida, em particular, articuladas às histórias de rendeiras. Logo após, veremos todo o percurso metodológico traçado pela pesquisa, descrevendo todo o cenário onde o fenômeno acontece e a caracterização dos sujeitos. Em seguida, exporemos os resultados e discussões e, por fim, as considerações finais como reflexão da importância deste trabalho e dos questionamentos que poderão servir para futuras pesquisas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um breve contexto da renda de bilro no Brasil

Para buscar compreender o contexto histórico da renda no Brasil, é preciso voltar alguns séculos no passado. Amparamo-nos em Brussi (2015) para tratar dos achados – e controversos – sobre os primeiros registros históricos da renda. O surgimento da renda data-se entre o fim do século XV e início do século XVI (EARNshaw, 1980 apud BRUSSI, 2015). As primeiras peças são descritas como “rendas bordadas”, produto encontrado tipicamente no Brasil. Mas não foram estas originalmente pensadas no Brasil como produto legítimo da colônia de Portugal. Há um emaranhado de cidades por todo o mundo que contribuíram para a formação desse produto.

Decerto, Veneza tornou-se um grande centro célebre no que concerne à produção de renda a partir do século XVI, ela foi difundida por toda a Europa. Entretanto, cada país buscou distinguir-se entre os demais com a criação de novos

⁶ A saída do meio rural para a metrópole como forma de garantir melhores condições de vida está presente e intimamente ligada a grupos sociais marcados por estigmas sociais, econômicos e culturais. Santos et al. (2009), discorrem do êxodo rural no Nordeste brasileiro como um fenômeno constituído por elementos políticos, sociais, ambientais, que implicam diretamente na qualidade de vida dos sujeitos. Desse modo, o desejo das novas gerações das filhas e netas de rendeiras se constroem na expectativa da melhoria das condições de vida, se contrapondo ao estigma da relação pobreza-renda.

pontos e técnicas fundamentais na produção da renda, adotando características próprias (MATSUSAKI, 2016). Destarte, diversos países da Europa propagaram-na seja na veste de reis e rainhas da corte, seja para governos imperiais, sendo assim, a renda cada vez mais foi impulsionada na sua produção.

Sua chegada ao Brasil, com divergências entre os pesquisadores, é caracterizada atualmente como sendo trazida pelos europeus ainda durante o período da colonização (ALEMIDA; MENDES; HELD, 2011). Conforme ainda salienta os autores, as mulheres portuguesas trouxeram a renda, sendo incorporadas, portanto, pelas nativas que aqui se encontravam. É possível ainda que, por ter sido trazida pelas portuguesas, as mulheres escravizadas apreenderam as técnicas básicas da produção de rendas, sendo estas peças utilizadas pelas portuguesas e nos arranjos de seus trajes.

À origem da renda em terras brasileiras, Ramos (1948) destaca o descaso histórico e irresponsável com dados sobre o histórico desse produto artesanal no Brasil “Infelizmente os dados históricos são praticamente inexistentes, pois a renda de bilros, entre nós, [...] jamais mereceram a menor proteção ou orientação oficiais, e são deixados aos azares da improvisação, o que significa abandono quase completo” (apud Matsusaki, 2016, p. 46). Dados que revelam a pouca relevância como símbolo cultural e artístico da renda e das rendeiras no Brasil.

Atualmente, encontramos uma pluralidade da produção de rendas no Brasil, formadas pela distinção de técnicas, design, formas e desenhos de acordo com o contexto onde as rendeiras estão inseridas, sendo a região Nordeste como o maior produtor de rendas de bilros no país.

Uma reflexão trazida pelo projeto Fios de Tradição, Rendas de Bilros – Ceará e Portugal, a partir do livro “Mãos que fazem história – a vida e a obra de artesãs cearenses”, lançado em 2012, revela dados que corroboram a tese defendida pelas pesquisas sobre o Nordeste, em especial o Ceará, como uma terra fértil para a “proliferação” de rendeiras. De acordo com dados apresentados pelo projeto, somente em Trairi, cerca de 5 mil mulheres são ativas na almofada (NORDESTE, 2015). Esses dados revelam a região Nordeste como o lócus principal na produção dessas peças, para além disso, como a cultura e tradição das rendas ainda permanece viva, resistindo ao tempo e seus efeitos e condições sobre a cultura das rendeiras.

Sobre as rendas produzidas na região Sul do Brasil, Brussi (2015, p. 17) salienta a observação de que “[...] entre as rendas produzidas no sul do país guardam distinções em relações a peças feitas na faixa do Equador, fato que poderia refletir as especificidades das rendas dos Açores, que tanto influenciaram a colonização aquela região”. Assim, percebemos que a renda brasileira possui particularidades oriundas das regiões em que são produzidas.

A partir dessas observações quanto ao percurso histórico da renda de bilro no Brasil, no próximo tópico analisaremos conceitualmente sobre as histórias de vida e sua utilização nas diversas ciências como método, tecendo reflexões sobre a história de vida de mulheres rendeiras.

Reflexão sobre histórias de vida e as histórias de rendeiras

As histórias de vida, até antes, tinham o seu espaço restrito a algumas epistemes. Mais recente, no entanto, grande parte das ciências, sobretudo das humanidades, já utilizam essa área de estudos com o método autobiográfico como meio de discutir a história de um determinado sujeito ou de si próprio. Gullestad (2005) observa que os cientistas sociais bem como os historiadores como pesquisadores, costumam usar das histórias de vida para, a partir delas, absorver informações sobre o percurso de vidas, de modo que os analistas textuais propendem a usá-las numa perspectiva de narrativas.

Em Tinoco (2004, p. 4), o interesse pelo estudo de um determinado objeto particular restringe-se “[...] por ser especialmente ilustrativo de um fenômeno mais global”. As histórias de vida, portanto, não só se alicerçam na investigação de um sujeito, bem como admite a possibilidade de compreender as regras, regimes e valores de um determinado grupo social.

Ainda para o autor, “A motivação da investigação não se centra na história de vida propriamente dita, mas no que ela autoriza concluir das relações interpessoais de determinada comunidade de pessoas” (TINOCO, 2004, p. 4). Desse modo, são as interpretações, a partir do contexto histórico, social e cultural que o sujeito está inserido e como ele próprio, enquanto sujeito histórico e transformador de seu meio, que podemos refletir sobre suas trajetórias de vida.

Bertaux (1981 apud, Gullestad, 2005, p. 517) define as histórias de vida como “relatos da vida de uma pessoa tal como entregues oralmente pela própria pessoa”. As histórias de vida, nas epistemes, fazem parte de um acervo de estudos para compreensão das narrativas e histórias de sujeitos e suas ações de vida.

As histórias de vida estão intrinsecamente enraizadas no contexto do indivíduo, uma vez que este se encontra no âmago social. Estabelecemos nosso argumento em consonância com Gullestad (2005, p. 514), em que a autora afirma que “[...] a maioria das narrativas de vidas atuais são testemunhos dos processos históricos, econômicos, sociais e culturais da modernidade capitalista”. Diante disso, percebemos que as histórias de vida estão marcadas por processos históricos de várias ordens que compõem a identidade do sujeito, o que requer discutir que suas ações e pensamentos, estarão numa visão holística de um sistema capitalista, uma vez que o Capitalismo precede a elas. Em resumo, são sujeitos que nasceram num sistema capitalista e dadas as condições estão vulneráveis, ainda que inconscientemente, a reproduzir os valores que o capital entoa na educação e organização do sistema de produção de uma sociedade. O que não quer dizer, necessariamente, que tais discursos, ações e narrativas não possuam elementos que sejam capazes de criticar o capitalismo e suas nuances e se contrapor aos princípios desse sistema econômico.

Para Hall (2000), o autor aponta que as identidades não são singulares, mas múltiplas, e por serem múltiplas são construídas no e dentro do discurso, e

não fora deles. Sobre elas “[...] nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109). Neste sentido, as rendas e rendeiras são constituídas por identidades provisórias, que se transformam no tecido das relações de poder. Essas relações são operantes na constituição das identidades ou, quando estas se rebelam contra o poder.

Por fazerem parte das mudanças sociais do tempo, as rendas e suas produtoras, mudam porque também necessitam, conforme as transformações, se inserirem numa dimensão tecnológica e mercadológica na contemporaneidade (AVANCINI, 2017). É nesse sentido que se constrói as identidades, discutidas por Hall, num conjunto histórico de mudanças, que iminentemente são efêmeras, portanto, suscetíveis a transformações regidas pelo aspecto social, histórico, econômico e cultural.

Dessa forma, pode-se observar que a identidade possui como caráter fundamental uma posição provisória, que se forma a partir do contato com o outro. Como salienta Avancini (2017), a renda faz parte do imaginário popular e artístico da identidade da região Nordeste, que se evidencia pela ligação histórica de sua formação entre o contato com as técnicas advindas da Europa e a necessidade daquelas mulheres em garantir a sobrevivência numa região sem muitos recursos. Assim, a identidade de uma cultura de rendas e suas produtoras se constituiu através da tradição que se seguiu como valor simbólico de um povo, sua cultura e o domínio da técnica.

As histórias de vida de rendeiras marcadas pela identidade do ofício que exercem, traduzem elementos próprios de um campo fértil de significados e sentidos que são produzidos nas relações entre a renda e rendeiras juntamente com o meio em que vivem. Um estudo feito por Zanella, Balbinot e Pereira (2000), que apresenta a análise de transformações do saber-fazer renda na constituição de sujeito, apresenta a história de vida de mulheres, que desde a infância, tiveram suas vidas associadas a esse artesanato – de modo intermitente ou não. Para as autoras (2000), as histórias desses sujeitos atravessam as transformações imbricadas ao contexto e, principalmente, pelo movimento e interpretações que os indivíduos fabricam em meio a esse processo. Desse modo, a leitura que cada sujeito faz frente à renda e seus feitos e efeitos, dentre um percurso subjetivo e de vivências particulares, produz histórias singulares atribuídas a sentidos e valores diferentes.

A seguir, abordaremos minuciosamente todo o processo metodológico utilizado nesta pesquisa, bem como as técnicas e métodos e o próprio contexto dos sujeitos como forma de compreender melhor como se desenvolveu o trabalho feito com as rendeiras de Canaan.

METODOLOGIA

A metodologia proposta para esta pesquisa parte de uma problematização da compreensão de histórias de vida de mulheres rendeiras e como esse ofício implica em suas histórias. Para a realização desta investigação, tomamos como sujeitos que compõe o objeto de estudo 8 mulheres rendeiras, localizadas no distrito de Canaã, do município de Trairi, no Estado do Ceará, distante há 135 KM de Fortaleza, capital do Estado.

Canaã é um distrito em que a agricultura predomina como trabalho da maioria da população, tendo a renda como predominante no trabalho de jovens e mulheres adultas ou mesmo idosas. Canaã é um pequeno distrito marcado pela religiosidade, sobretudo à igreja católica e às igrejas evangélicas, tais quais das diversas rendeiras participam ativamente dos cultos religiosos aos finais de semana.

As mulheres rendeiras desta pesquisa possuem entre 45 e 75 anos, em sua grande parte casadas, todas com mais de um filho. A grande maioria não possui o Ensino Fundamental Completo, tendo apenas duas delas o Ensino Médio completo. Todas elas se autodeclaram mulheres “morenas”; quatro ainda exercem o ofício de rendeiras, enquanto as demais já abandonaram o ofício há alguns anos alegando problemas de saúde, em decorrência do labor da renda de bilro, como elas próprias apontaram. A escolha pelas personagens sociais foi feita de forma aleatória, mas seguindo um critério básico e importante: moradoras de Canaã. Para uma melhor visualização geográfica do Distrito, retiramos uma imagem do Google Maps mostrada na figura 3 como podemos ver abaixo.

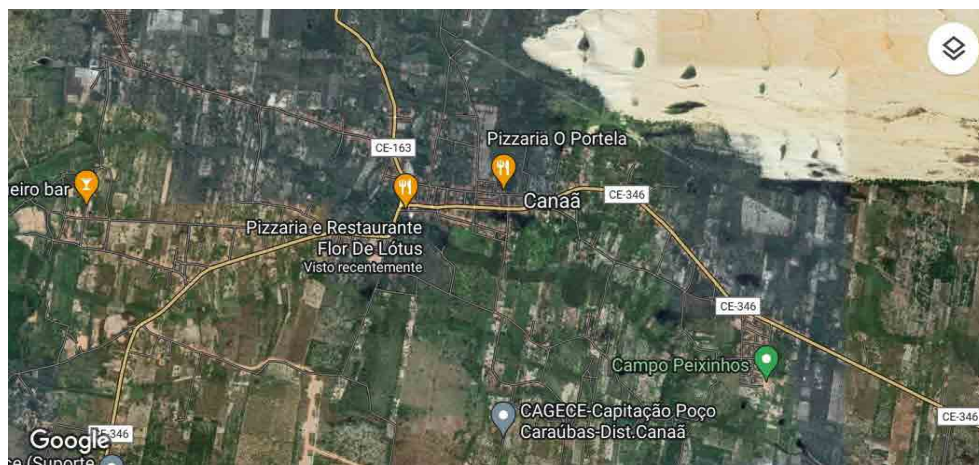


Figura 3

É importante destacar que o espaço onde os sujeitos estão inseridos são marcadores instituintes e fundamentais para compreender a produção e a constituição da identidade desses sujeitos, que carrega regimes, valores, experiências pessoais e sociais que se traduzem e refletem como rendeiras. São esses marcadores que afirmam a identidade dessas rendeiras que se transforma no cotidiano.

Como meio para garantir a identidade das participantes, e pelos aspectos éticos de nossa pesquisa, atribuímos nomes fictícios às participantes para

resguardar totalmente a identidade das participantes como garantia ao sigilo de informações.

A inserção no campo se deu através de convite prévio do autor em conversa informal com as participantes, apresentando o objetivo da pesquisa, observando também, em primeiro momento, o produto produzido por elas. Entretanto, muitas delas, naquele momento já tinham finalizado algumas peças, não tendo encomendas a serem produzidas.

A abordagem dessa pesquisa foi de cunho qualitativo, o que compreende o movimento interativo do fenômeno estudado com o meio social o qual faz parte (MINAYO, 2001). O foco da interpretação dos dados será a partir de uma abordagem que compreenda o fenômeno e seus significados diante de um determinado grupo social. O que se certifica a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Para fins da coleta de dados, utilizamos a entrevista estruturada como técnica e meio para garantir o arsenal necessário para análise de dados. De acordo com Gil (2008, p. 113), "A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número". Assim, a entrevista estruturada possui um valor fundamental na coleta de dados sobre as histórias de vida contadas pelas rendeiras em consonância com o artesanato produzido por elas.

Desse modo, para uma melhor visualização do campo das perguntas propostas às rendeiras, iremos no próximo tópico apresentar uma análise dos resultados e discussões da coleta de dados, trazendo, precipuamente, os discursos narrados pelas mulheres rendeiras como forma de dar mais sentido e voz a essas mulheres sobre suas vivências com a renda de bilros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos aqui os resultados da pesquisa, de acordo com a entrevista, bem como buscamos discutir os dados apresentados com a revisão de literatura acerca do que há produzido ou não, como uma forma de compreender a importância da observação dessas histórias de vida ligadas intrinsecamente à renda. Histórias estas que são atravessadas por experiências que se assemelham, mas que se mantêm em suas particularidades no âmbito da produção da renda de bilros, em contextos distintos.

Inicialmente, questionadas de que forma a produção da renda contribuiu/contribui na vida das rendeiras, todas responderam de modo semelhante às experiências e contribuições que o trabalho com a renda de bilro trazia em suas vidas. Os relatos apontam, sobretudo, a contribuição econômica da venda do produto artesanal não só para si, mas planejada para todo o conjunto familiar.

Podemos perceber tal contribuição no relato trazido por Dona Maria "Às vezes que eu falo até emociono né, que eu cheguei até pagar escola particular

para os meus filhos para estudar, para aprender [...] com o dinheiro da renda né". Mostramos também como o discurso de Dona Antônia traz suas particularidades como rendeira e como a renda contribuiu em sua vida "Mesmo ela sendo um preço baixo, a gente tinha que fazer né, pra comprar o que a gente tinha precisão, era uma roupa, um calçado, muitas vezes um remédio, um leite de um filho [...]" É possível refletir que a venda de rendas atravessa a história dessas mulheres como garantia de subsistência econômica, no amparo para condições mínimas de sobrevivência.

De acordo com Soares et al. (2015), em virtude da ausência de empregos formais e oportunidades, as rendeiras se veem ligadas à produção do artesanato da renda para complementação econômica familiar e como fator que se conecta às outras atividades desenvolvidas por essas mulheres no cotidiano, como atividades domésticas e na agricultura. Para Brussi (2015), muitas rendeiras buscam outras alternativas para complementar o honorário para além da renda, como costura, lavagem de roupa e diaristas na casa de outras famílias da localidade onde moram, sem vínculo aos direitos trabalhistas regidos pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. A autora também enfatiza que a maior vantagem, para as rendeiras, é poder vincular seu trabalho diretamente com o seio familiar e as atividades domésticas, porque elas conectam o âmbito produtivo à rede familiar.

Desse modo, é possível pensar que, embora atravessadas pela precariedade e da desvalorização do trabalho que exercem, a renda tem contribuído significativamente na vida dessas mulheres. No entanto, também nos apresenta o descaso e a falta de políticas sociais para atender e possibilitar que esses sujeitos tenham a preservação dos mínimos direitos a uma vida digna e de reparação equitativa, como sujeitos pertencentes ao produto da desigualdade histórica no Brasil.

Quando perguntadas se o fazer renda foi uma escolha para a vida dessas mulheres, todas trouxeram aspectos de positividade, mas, paradoxalmente, intrínsecas à falta de opções que não fosse a renda como único meio de garantia para àquelas mulheres de se manterem financeiramente. Podemos observar essa contraposição na narrativa de Dona Raimunda "Era a única opção na minha época [...] já adolescente eu ia para escola e quando eu chegava era como se fosse obrigação do meio-dia para tarde eu fazer uma bandinha [...] porque aquilo era a sobrevivência da gente [...] a gente não tinha uma boa condição financeira".

As histórias marcadas pela pobreza extrema apontam um período difícil na vida de todas essas mulheres, em que a única opção era o artesanato da renda, não tendo elas a possibilidade de dar continuidade nos estudos, porque necessitavam de seu ofício como rendeiras para ajudar dentro de casa.

Os relatos ainda exibem os sonhos particulares que cada uma delas tinham quando mais jovens, como ser professora, bailarina, a saída da zona rural para a metrópole para buscar melhores condições de vida, o que não foi possível para nenhuma delas, tendo apenas o ofício de rendeira como o único trabalho de suas vidas. Exceto algumas atividades já supracitadas como diaristas e agricul-

toras, além de uma das personagens sociais ter passado em um concurso público para auxiliar de serviços gerais, que viu sua vida mudar gradativamente, mas mantendo o ofício de renda como atividade secundária e por amor à arte que produz.

A falta de acesso e oportunidades para essas mulheres reflete não só a produção da desigualdade como fruto das raízes históricas do nosso país, mas à ligação inerente por marcadores sociais de gênero, raça, sexualidade e classe social, que refletem à restrição e uma vida predestinada ao ambiente doméstico.

Questionadas como é ser uma rendeira de Canaan, todas elas trouxeram diversos elementos, principalmente o sentimento de gratificação, felicidade por produzir um trabalho que elas afirmam ser importante, além de ligar a prática do artesanato da renda à cultura. Observamos tal conexão ao discurso de Dona Antônia “Ser uma rendeira de Canaan é bem gratificante, porque assim, é a nossa cultura que nós temos aqui no Canaan né [...] nós somos conhecidas como as rendeiras de Canaan né, então é bom”.

Os discursos das participantes revelam o autorreconhecimento como “ser rendeira” de Canaan, marcando múltiplas identidades. Neste sentido, corroboramos com Hall (2000) em que as identidades estão cada vez mais fragmentadas, não sendo, portanto, singulares, mas constituídas multiplamente pelo discurso, práticas, valores e regimes que podem ser semelhantes ou antagônicos. Assim, a renda e o ser rendeira se constituem na medida em que se transformam como identidades nunca fixas, mas transitórias, num movimento que mudam de acordo com o contexto e as transformações do meio que estão inseridas.

As entrevistadas ainda apontaram o fazer renda como um momento de terapia, de lazer quando elas se reuniam coletivamente com outras mulheres para “bater bilros”, contar “prosas” e histórias do cotidiano. Além de ser uma forma de esquecimento provisório dos problemas particulares de suas vidas. Ainda que a produção de renda a longo prazo traga malefícios à saúde física das rendeiras, é notório como elas apresentam o fazer renda como um momento terapêutico. Conforme Brussi (2015, p. 106):

O engajamento continuado que a atividade da renda demanda, ocupa a atenção das rendeiras durante o tempo em que estão em suas almofadas. Nesse sentido, a possibilidade de se focar na produção é destacada como um aspecto bastante relevante da prática. Algumas rendeiras chegam a equipará-la a uma atividade terapêutica [...] Além de ocupar o tempo de maneira ativa e produtiva, a renda também ocupa a *cabeça*. Longe da almofada, a *cabeça* se volta às preocupações e angústias do dia-a-dia.

Ainda que a produção da renda de bilro se apresente inerente a alguns estigmas constituídos no tempo, bem como consequência também de efeitos físicos nos corpos das rendeiras, estas se veem gratas e felizes pelo trabalho que realizam. A renda pode ser um lugar, um estado de fuga para essas mulheres que têm o ofício de rendeira como identidade e, por essa razão, imergem nas práticas e vivências da tradição da renda de bilros.

As participantes também foram questionadas se já tinham ensinado ou-

tras pessoas a fazer renda e como tinham se sentido em ensinar renda para outras pessoas. Todas as respostas foram unânimes de modo afirmativo. Mas cada uma abordou suas particularidades quanto ao ensino da renda para outras pessoas. Dona Fátima relata a importância de repassar o ensinamento “Passou de mãe para filha né, como também não tinha outras opções tive que ensinar ela a fazer”.

Dona Maria relata que ensinou todas as filhas a fazer renda, mas pelo pouco rendimento referente à renda de bilro, as filhas buscaram outros meios para garantir uma vida com mais qualidade. Ela ainda enfatiza sobre a desvalorização do trabalho da renda em seu lugar “O trabalho da renda é desvalorizado demais. A gente faz porque gosta, porque ama né, mas dizer que é valorizado, que dá pra gente ganhar para comprar o que a gente quer não dá né [...] nunca teve o valor”. Dona Edileuza relatou que, para além do ensino como tradição, participou de um projeto pela CEART (Central de Artesanato do Ceará) com o ensino sistemático da renda de bilros através de aulas online durante o período pandêmico da Covid-19.

Brussi (2015) e Avancini (2017) destacam o aprendizado da renda passando de mãe para filha, como uma tradição sendo tecida na história e no tempo com transformações sociais e culturais, sendo também a casa como o espaço privilegiado da aprendizagem da renda. Percebemos que o ensino sistemático da renda como um professor que orienta o aluno ao objeto de conhecimento evidencia-se como uma prática recente, afastando-se da essência educacional informal, mas mantendo o caráter denotativo dos procedimentos para a aprendizagem da renda.

A tradição da renda de bilro como objeto do universo feminino carrega os sentidos de uma aprendizagem informal, desenvolvida por mulheres mais velhas e suas aprendizes, geralmente as próprias filhas ou mesmo netas. Como as entrevistadas lembram da idade que deram início ao rito de passagem de aprendizes de renda para rendeiras mostram como desde a mais tenra idade essas jovens são apresentadas ao artesanato da renda. Cada peça que produzem carregam um valor simbólico que constitui o fazer artístico, carregam a resistência no tempo e a luta diária pela sobrevivência (AVANCINI, 2017).

As rendeiras ainda destacaram o fato das filhas terem buscado outras alternativas que não fosse a renda o seu único meio de proventos. Angelo (2013, p. 21) discute a reconfiguração das novas gerações na aprendizagem da renda, apresentando fatores sociais, econômicos, culturais e com os avanços tecnológicos que implicaram diretamente na vida das novas gerações de mulheres rendeiras:

A necessidade da obtenção de um status social diferente das gerações anteriores parece marcar a vida cotidiana destas filhas de rendeiras que não querem manter a tradição, uma vez que o próprio sentido da tradição parece ter sido alterado com a configuração econômica, social e cultural da localidade. A tradição anteriormente marcada por uma condição de “ser mulher” e de ter atribuições diferenciadas dentro de um modelo patriarcal aparece hoje como uma opção de profissão: ser rendeira. A conotação de que a mulher rendeira veio de um meio pobre e sem muitos recursos econômicos também parece favorecer o desinteresse destas novas gerações (ANGELO, 2013, p. 21).

Grosso modo, além dos processos de globalização a produção da renda de bilro sofreu incessantemente transformação. Contudo, os seus moldes tradicionais continuam como perspectiva de resistência, seja pelo ensino sistematizado, atribuindo novos sentidos à renda, seja pela manutenção do tradicionalismo do ensino informal supracitado anteriormente. A configuração da aprendizagem manual do produto possui amplamente um caráter histórico, social e cultural que faz parte dos saberes apreendidos pelas artesãs (VARGAS, 2016), que se compreende como essencial para entender as mudanças e intempéries da renda no tempo e espaço inseridos.

Ainda para Vargas (2016), esses atores sociais podem expressar na produção dos objetos a tradição de um determinado povo na constituição de uma cultura, regidos por valores simbólicos que carregam memórias, a constituição de uma identidade local e a originalidade empregada no artesanato. Em outras palavras, o produto realizado por esses sujeitos reflete o valor simbólico por trás da constituição da renda, que carrega a história coletiva de mulheres rendeiras e a tradição que elas carregam no bater de bilros.

Indagadas se a venda da renda de bilro já ajudou em algum momento da vida e de que modo isso aconteceu, todas as participantes reiteraram a afirmativa de como a renda, embora com um valor precário, pôde ajudar em momentos difíceis da vida de cada uma das entrevistadas. Para Dona Raimunda, a renda ajudou na sobrevivência do filho, mesmo se dispondo a trabalhar noite e dia para comprar leite, frutas e derivados. O longo período de trabalho com a renda trouxe problemas de saúde “Eu tenho uma dificuldade enorme na minha vista [...] e eu digo que foi da fumaça do gás que eu fazia renda, não tinha energia e ali eu me sentava na mufada e o chão não era nem de barro batido, era de areia solta mesmo [...]”

Para Dona Zefinha, irmã mais nova de seus irmãos, usava do dinheiro da venda da renda de bilros para ajudar em casa “[...] eu vestia meus irmãos mais velhos, eu ajudava meus pais em casa [...] comprava até comida, remédio pra minha mãe”. As narrativas descritas apresentam os “benefícios” – carregados por consequências – que a venda da renda de bilros emergiu na vida das rendeiras de Canaan. Além disso, foi também exposto pela maioria das rendeiras sobre o custo da renda, uma vez que elas necessitam comprar a linha, a cartolina para fazer o papelão, cola, espinhos. Recursos necessários para a produção da renda. Dependendo do tipo de modelo que esteja sendo produzido, o valor real da peça varia, e o dinheiro que elas ganham daquela renda vendida é o mesmo que elas utilizam em parte para compra do material. Em outras palavras, o valor quantitativo que as rendeiras recebem é muito baixo, visto que elas relataram o valor em média de uma peça entre R\$ 45,00 e R\$ 60 reais.

Para Soares et al. (2015) pela escassez de empregos, as rendeiras dedicam-se integralmente à atividade da renda, atribuindo a comunidade de mulheres rendeiras um valor simbólico e de ganho cultural. No entanto, a precariedade da (des)valorização da arte de “render” reflete as dificuldades encontradas nas narrativas que apresenta as desigualdades entre o valor da renda e as inúmeras pos-

sibilidades – e limitadas – que essas mulheres enfrentaram no percurso de suas histórias com o ser rendeira.

Como efeito das relações físicas envolvidas no trabalho com a renda, as rendeiras apresentam limitações de saúde física que o labor de décadas com o artesanato da renda trouxe para suas vidas. Na pesquisa de Silva e Cinelli (2017), os autores apresentam os efeitos físicos e simbólicos na produção de renda de bilros. Dentre eles podemos citar apenas alguns, tais como: problemas na coluna, visão, dores nos joelhos, problemas de reumatismo. Pela postura como se sentam, impactando, paulatinamente, seus corpos, a saúde física, comprometendo a qualidade de vida, impedindo-as de dar continuidade ao exercício do ofício de rendeira. Por não se tratar de nosso objetivo de estudo, não nos alongaremos em discutir os problemas físico do labor da renda de bilro.

Encerrando o roteiro da entrevista, questionamos como as participantes percebiam a renda de bilro na atualidade, se seria possível, que na visão delas, haveria mais ou menos mulheres produzindo renda de bilro em Canaan. De acordo com as respostas, pudemos observar que as entrevistadas destacaram algumas causas pela diminuição aparente de mulheres rendeiras em Canaan, dentre elas a pandemia da Covid-19 trazendo queda significativa na venda de rendas, além de novas oportunidade para jovens mulheres no mercado de trabalho e também na continuidade formativa dos estudos. Como narra Dona Raimunda:

Hoje a produção de renda do Canaã caiu vamos dizer o que...caiu... talvez é 50% né, 50% porque antes quando você saia nessa região aqui, que na casa que você chegava se tivesse dez muier cada uma tava com uma munfada aqui entre as perna, hoje em dia você anda é dificilmente você ver até alguém fazendo renda, é difícil você ver [...] e os mais velhos foram se acabando, não foram mais podendo produzir e os mais novos também acharam que aquilo também não era uma coisa muito interessante e foram buscando novas, novas técnicas de trabalho né. Eu acredito que seja por isso.

Dado que apresenta como as rendeiras enxergam a conjuntura da renda em Canaan e as dificuldades que o artesanato dessas peças pode representar na atualidade para a geração mais nova. Nesse sentido, como forma de reiterar o discurso anterior, apresentamos as preposições de Dona Lúcia que traça pressupostos referentes a não manutenção efetiva e integral do ser rendeira acerca do questionamento:

Eu acho que diminuiu porque, toda vez que a gente passava por ali, por acolá era toda casa fazendo renda, hoje em dia quase ninguém não vê mais [...] porque hoje essa juventude mais nova das mulheres, é muito difícil uma mulher jovem que queira fazer renda. Elas caçam logo um estudo, vão estudar, depois daquele estudo ali às vezes já vem um emprego melhor, aí não vão se dedicar a renda, a renda vai ficando, parece que mais caída pra trás [...], o pessoal vão ficando mais sabido, e vão tendo mais outro emprego aparecendo melhor. E aí vão mudando né, o pessoal vão procurando, os jovens vão procurando outra coisa melhor. A renda, os idosos que não, assim como eu, que não sabe de nada, não tem outra coisa, fica ali na mofadinha agarrada, até dá certo.

Essas percepções apresentam uma mudança de como as mulheres per-

cebem a renda de bilro entre o passado, constituído pelo estigma da pobreza e o presente, como um novo momento para mudanças na qualidade de vida das gerações atravessadas por rendeiras e filhas de rendeiras. Em outras palavras, embora a cultura do artesanato da renda de bilros esteja sendo atravessada por uma crise de ordenamentos distintos, ela ainda sobrevive e resiste nas mãos dessas mulheres que, indissociavelmente, mantêm e elevam a tradição como parte integrante de suas vidas e como identidade.

Como salienta Angelo (2013), a desobrigatoriedade do fazer renda ainda não significa o fim da renda de bilro e de toda uma cultura, mas a compreensão do fim geracional do ensinamento da renda de mãe para filha. Neste sentido, compreendemos as mudanças significativas que têm ocorrido na vida das mulheres rendeiras e como têm implicado diretamente também na vida de suas filhas e netas. Atravessadas por outras alternativas, necessidades, a renda de bilro já não tem um caráter obrigatório, mas opcional. Contudo, ela ainda faz parte da vida diária de muitas mulheres, que não se arriscam a deixar a almofada de lado à preferência da manutenção da tradição da renda de bilro não só como trabalho, mas como sendo inerente às suas histórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa pôde-se compreender como o artesanato da renda de bilros implica na história de vida de mulheres rendeiras. Atravessadas por histórias particulares, mas que se assemelham nas vivências com a prática da arte do rendar, os sujeitos da pesquisa apresentam suas experiências voltadas a um espaço doméstico, por vezes precário e empobrecido. Além das dificuldades elencadas por elas, também foram apresentadas as possibilidades do trabalho da renda e as reflexões sobre o atual estado da produção das peças em Canaan.

A reflexão trazida sobre as histórias de vida das rendeiras em contextos históricos distintos evidencia os processos de transformação social, cultural e econômico que atravessam a vida desses sujeitos. Se por um lado, nos deparamos com experiências particulares que refletem na constituição da identidade das rendeiras ligadas à renda e, por sua vez, caracterizadas por um arsenal prático de vivências semelhantemente coletivas; por outro, observamos a disjunção gradual ou mesmo o distanciamento do saber-fazer renda na vida das jovens mulheres filhas e netas de rendeiras. Configurando-se, desse modo, transformações fundamentais para pensar sobre a afirmativa da diminuição significativa e da (des) continuidade do trabalho com a renda de bilros.

Além disso, foi notório identificar como as rendas de bilros formam a identidade de mulheres rendeiras, que se constituem no tempo e espaço que estão inseridas. O papel das rendeiras em Canaan demonstra uma cultura familiar, coletiva e de tradição, que representam a história local e as relações do ofício de rendeira inerentes a um grupo social que luta pela sobrevivência e resistência.

Pôde-se também analisar a prática da renda pelos discursos das participantes, que resistiram no tempo e espaço às modificações que ocorreram, resguardando a essência da tradição. Isso não quer dizer, entretanto, que elas se mantiveram fixas, mas acompanharam as mudanças, seja na produção de peças que exigiam novas técnicas, seja nas transformações de ordem econômica, de processos políticos e sociais durante as últimas décadas, como identidade de uma cultura em movimento.

O ensino e aprendizagem do “bater bilros” marcou desde a infância a vida das entrevistadas, sendo constituídas gradualmente com uma identidade de “ser rendeira”. A luta pela sobrevivência e resistência tendo a almofada a sua frente como instrumento de trabalho e transformador da vida dessas mulheres não é uma exclusividade das rendeiras de Canaan, sendo apresentada na literatura em outras cidades e regiões (ALBUQUERQUE, 2002), (ANGELO, 2013), (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000). Entretanto, é perceptível como a renda compõe e atravessa a vida e a história de distintas mulheres, aqui em específico as artesãs entrevistadas.

O artesanato da renda e sua utilização para sobrevivência e de subsistência econômica traduz a relação entre produto e produtora como uma gramática complexa. Permite-se, portanto, a compreensão das histórias de vida das rendeiras no campo de uma cultura de artesanato, trabalho, técnica por excelência e subjetividades que se movimentam e se deslocam na e pela resistência de uma tradição centenária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Else Farias. **Desmanchando novelas e tecendo sonhos**: a vida das rendeiras de Camalaú. 2002 Dissertação (Mestrado em Sociologia) PPGS,UFRB, Campina Grande/PB, 2002.

ALEGRE, Sylvia Porto. **Mãos de mestre**: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. **O “saber-fazer” renda de bilros**: as ressignificações do processo na Lagoa da Conceição em Florianópolis. Bilros, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 11-27, jul-dez. 2013.

ALMEIDA, Ana Julia Melo; MENDES, Francisca. R. N.; HELD, Maria Sílvia Barros. **A tradição em fazer rendas de bilros**: estudo de caso das artesãs da Prainha, Aquiraz – CE. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo – V. 4 Nº 1 abril, 2011.

AVANCINI, Carolina Julião. **Rendas nordestinas**: cultura, identidade e design. Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação. Gestão de Projetos Culturais. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

BRASIL. **Lei Nº 14.696/2010**. Reconhece o município de Trairi como Terra da Renda de Bilro, no Estado do Ceará. 2010.

BRUSSI, Júlia Dias Escobar. **Batendo bilros**: rendeiras e rendas em Canaan (Trairi – CE). 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPAS, UnB, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Fios de tradição, rendas de bilros** – Ceará e Portugal. 2015. Disponível em: <<http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/>> Acesso em: 27 dez. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. – 6 ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GULLESTAD, Marianne. **Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 509-534, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 22 dez. 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org e trad.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

KARAM, Cinara Menegotto Cavalheiro; PEREIRA, Alexandre Macedo; MINASI, Luis Fernando. **A contradição entre trabalho ontológico e trabalho no modo de produção capitalista na perspectiva marxista**. Problemata: R. Intern. Fil. V. 11. n. 1 (2020), p. 5-21 ISSN 2236-8612.

MATSUSAKI, Bianca do Carmo. **Trajetória de uma tradição**: renda de bilros e seus enredos / Bianca do Carmo Matsusaki ; orientador, Antonio Takao Kanamaru. – São Paulo, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**. Teoria, Método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Maria José; SILVA, Bernardo Barbosa; OLIVEIRA, Edinete Maria. **Analogia entre desmatamento e êxodo rural no nordeste do Brasil**. Revista Eletrônica, v.8, n. 1, 2009.

SANTOS, Maria Moura dos; SANTOS, Marcos Andrade Alves. **A mística dos encantados**. Maria Moura dos Santos, Marcos Andrade Alves dos Santos ; ilustrações Sophya Pinheiro. - - Trairi, CE : Editora Edições e Publicações, 2020. ISBN 978-65-00-07630-1.

SILVA, Rosielli de Sá; CINELLI, Milton. **Efeitos físicos e simbólico-culturais na produção de renda de bilro**: um levantamento bibliométrico. CINAHPA – Congresso Internacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem. 2017.

SOARES, João Luis Josino. et al. **Perfil social e análise econômica da atividade renda de bilro em comunidade rural, Estado do Ceará**. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, v. 17, n. 31, p. 49-59, jan/jun. 2015.

TINOCO, Rui. **Histórias de vida**: um método qualitativo de investigação. 2004. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/pesquisa/>> Acesso em: 28 dez. 2021.

VARGAS, Daiane Loreto. **Tecendo tradição**: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho. 2016. Tese (Doutorado). Curso em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria (UFMS-RS), Santa Maria, 2016.

ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela Balbinot; PEREIRA, Renan Susan. **A renda que enreda**: analisando o processo de constituir-se rendeira. Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00.